



DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Linha de Pesquisa

Transformações econômicas e processos de urbanização

**AS MEMÓRIAS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO
URBANO DE ALAGOA GRANDE – PB**

FAGNER NASCIMENTO DA SILVA

Guarabira- PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S587m

Silva, Fagner Nascimento da

As memórias do processo de construção do espaço urbano de Alagoa Grande-PB / Fagner Nascimento da Silva. – Guarabira: UEPB, 2011.

33f.: Il. Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Edinilza Barbosa dos Santos”.

1. Cidade 2. Espaço Urbano 3. Alagoa Grande
I.Título.

22.ed. CDD 307.760 9

FAGNER NASCIMENTO DA SILVA

**AS MEMÓRIAS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO
URBANO DE ALAGOA GRANDE – PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado ao curso de graduação em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Campus III, Guarabira, em cumprimento a um dos pré-requisitos para obtenção do grau de licenciado.

Orientadora: Prof^ª. Edinilza Barbosa dos Santos

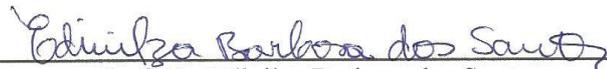
Guarabira – PB

2011

FAGNER NASCIMENTO DA SILVA

**AS MEMÓRIAS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO
URBANO DE ALAGOA GRANDE – PB**

COMISSÃO EXAMINADORA



Prof^ªMs. Edinilza Barbosa dos Santos
IFPB – Campus Cabedelo e Prefeitura Municipal de Bayeux/PB
Orientadora



Prof^ªMs. Alecsandra Pereira da Costa Moreira
IFPB – Campus Cabedelo e UEPB, Centro de Humanidades – Departamento de Geografia.



Prof^{Ms.} Severino dos Ramos Alves da Silva
Prefeitura Municipal de João Pessoa/PB.

Aprovado em 02, de 12, 2011.

Guarabira- PB

2011

À minha mãe, Maria Bernadete, que sempre foi a minha inspiração para concluir este curso, a ela que sempre esteve ao meu lado dando o incentivo e o apoio necessário em todos os momentos, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus eterno, supremo e fiel, autor da vida, que sempre esteve ao meu lado concedendo-me a força necessária para enfrentar todas as dificuldades que surgiram durante o período que passei realizando este curso.

À minha família, irmãos queridos e meu pai, mas, especialmente a minha mãe, Maria Bernadete Nascimento da Silva, que foi a principal incentivadora para que eu pudesse concluir este curso, como também a minha esposa, Janiele de Alcântara Bronzeado Silva, que sempre esteve ao meu lado.

Aos colegas da turma 2006.2, noite, com os quais passei momentos que ficarão guardados para sempre, principalmente pelo apoio e companheirismo de todos.

A professora Edinilza Barbosa dos Santos, por ter me orientado e me suportado durante a confecção desse trabalho e pela sua grande cooperação para que eu pudesse obter êxito na conclusão do mesmo.

Aos demais professores da Universidade Estadual da Paraíba, que me ensinaram lições valiosas que guardarei comigo para sempre.

Ao senhor José Avelar Freire, que muito me ajudou na construção desse trabalho fornecendo informações indispensáveis, bem como, o senhor José Guedes Guimarães e o senhor Severino Antônio, que colaboraram com as entrevistas.

Enfim, quero agradecer a todos que colaboraram, direta ou indiretamente, para que eu pudesse concluir este curso.

LISTA DE FIGURAS

Foto 01 – Imagem parcial da área central do município de Alagoa Grande	16
Foto 02 – Imagem parcial da área central do município de Alagoa Grande, no ano de 1942 .	19
Foto 03 – Última viagem do trem “Maria Fumaça”, em Alagoa Grande – novembro de 1966...	22
Foto 04 – Galpão da antiga CONDE, em primeiro plano, em 2008.....	22
Foto 05 – Praça do coreto, em Alagoa Grande.....	25
Foto 06 – Praça do coreto atualmente.....	25
Foto 07 – Centro de Alagoa Grande, 1945.....	26
Foto 08 – Centro de Alagoa Grande, 2011.....	26
Foto 09 – Casarões antigos de A. Grande	27
Foto10 – Casarões do centro da cidade.....	27
Foto 11 – Conj. Manoel Raimundo	30
Foto 12 – Rua João Pessoa, 2011	30

LISTA DEMAPAS

MAPA 01 - Localização do município de Alagoa Grande	15
---	----

043 – GEOGRAFIA

TÍTULO: AS MEMÓRIAS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE ALAGOA GRANDE – PB.

LINHA DE PESQUISA: TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO

AUTOR: FAGNER NASCIMENTO DA SILVA

ORIENTADORA: Prof.^a MS. EDINILZA BARBOSA DOS SANTOS -IFPB / Campus Cabedelo e Prefeitura Municipal de Bayeux-PB.

EXAMINADORES: Prof.^a MS. ALECSANDRA PEREIRADA COSTA MOREIRA – IFPB – Campus Cabedelo e Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades – Departamento de Geografia.

PROF. MS. SEVERINO DOS RAMOS ALVES DA SILVA – Prefeitura Municipal de João Pessoa/PB.

Resumo: O presente trabalho tem como objeto de estudo o espaço urbano da cidade de Alagoa Grande-PB. E, o seu objetivo é compreender como se deu o processo de construção do espaço urbano da referida cidade e os fatores que contribuíram para a sua modificação. Procuramos, então, fazer um resgate histórico da dinâmica do espaço urbano e comparar ao espaço que se apresenta atualmente, com suas rugosidades e edificações atuais. Para a realização do mesmo, trabalhamos com pesquisa de gabinete e pesquisa de campo. Inicialmente foi feito um levantamento bibliográfico em bibliotecas particulares e da UEPB – Campus III Guarabira, além de dados e artigos científicos disponíveis na internet, acervos da Câmara de Vereadores e da Prefeitura Municipal de Alagoa Grande. Os resultados apresentados são uma (re) leitura do espaço urbano a partir da experiência particular de um “quase” licenciado em Geografia somada a todas as informações que foram levantadas. Enfim, buscamos trazer as memórias do passado desse espaço urbano para que possamos compreender melhor o presente, pois, temos a certeza que o passado é muito importante, especialmente quando se trata da história de uma cidade.

Palavras-chave: Cidade. Espaço urbano. Rugosidades.

ABSTRACT

This research intends to study Alagoa Grande-PB's urban space. Its objective is to comprehend how occur the urban-space-construction process as well as the factors that contributed to modification in the mentioned town. It was done a historical investigation in which concerns the urban space in the intention of comparing with the current one in terms of its current edifications. It was done an office-field research. Firstly, in private libraries and at UEPB's Campus III – Guarabira-PB was done a bibliographical survey. Secondly, it was done research in on-line scientific articles, in council and in the local city hall. As a result it was established a rereading of the urban space from the opinion of an almost-under-graduated in Geography, summed with all of the surveyed information. It was recalled the past of the urban space in the attempt of a better present-understanding.

Keywords: Town. Urban space. Wrinkles.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO	11
3 ALAGOA GRANDE: CARACTERÍSTICAS DO MUNICÍPIO	15
3.1 A localização e o meio fisiográfico	15
3.2 População e aspectos socioeconômicos.....	17
4 OS FATORES SOCIOECONÔMICOS QUE CONTRIBUÍRAM COM A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE ALAGOA GRANDE.....	19
5 FORMANDO E TRANSFORMANDO: OS FATOS HISTÓRICOS QUE IMPRIMIRAM RUGOSIDADES NO ESPAÇO URBANO DE ALAGOA GRANDE-PB.....	24
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
7 REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

A existência das cidades é um fato muito antigo que, ao longo do tempo, se desenvolveu por toda parte do mundo. Algumas cidades surgem no mesmo contexto histórico e outras em épocas bem diferentes, porém, cada uma delas possui suas particularidades e razões distintas que justificam a necessidade de sua fundação naquele momento da história.

Neste sentido, uma cidade pode ter origem industrial, cultural, comercial, administrativa, política, dentre outras, porém, podemos dizer que a cidade é uma realização humana, uma criação que vai se formando ao longo do processo histórico, que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas e distintas (CARLOS, 2007).

No caso da cidade de Alagoa Grande, que está localizada na mesorregião fisiográfica do Agreste Paraibano, na microrregião do Brejo, distando 111 km da capital João Pessoa, 60 km de Campina Grande e 29 km de Guarabira (FREIRE, 1996), que é nosso objeto de estudo, pode ser caracterizada como uma cidade que teve sua origem agrícola, uma vez que, foram os colonizadores portugueses e brasileiros que chegaram aqui após receber doações de terra do rei de Portugal para trabalhar e sobreviver com sua família. Inclusive, Alagoa Grande chegou a ter cerca de 800 escravos na época da sua colonização. Os colonizadores começaram a plantar algodão e agave, criar gado e posteriormente trabalhar na plantação de cana-de-açúcar, daí surgiram os engenhos. Durante algum tempo o transporte dessa produção era feito através de animais de carga, passando depois a ser realizado através do trem, enquanto este ainda estava em funcionamento.

Motivado pelo desejo de conhecer melhor a cidade onde nasci e resido até o presente momento, procuramos trabalhar essa temática, tendo como objetivo principal, compreender como se deu o processo de construção do espaço urbano de Alagoa Grande-PB, além de investigar quais os fatores históricos que contribuíram para sua existência e por fim, descrever alguns aspectos físicos deste espaço urbano, bem como, as mudanças sofridas pelo mesmo durante sua existência e quais foram os fatos e acontecimentos que impulsionaram essas modificações.

Para realizar este trabalho de forma satisfatória foram feitas pesquisas na biblioteca da UEPB, em alguns órgãos municipais, como a prefeitura e câmara de vereadores de Alagoa Grande-PB, com a intenção de adquirir alguns dados primordiais para o mesmo. Foram realizadas, também, entrevistas com alguns moradores antigos da cidade, visando colher o

conhecimento empírico dos mesmos com relação ao tema proposto, além de um levantamento fotográfico contendo fotos antigas e atuais para proporcionar uma comparação das mudanças ocorridas nesse espaço urbano.

No primeiro capítulo faremos uma reflexão sobre o processo de urbanização desta cidade para que possamos entender como era no início este espaço urbano. No segundo capítulo estaremos enfocando as características do município, sua localização, população e aspectos socioeconômicos, como também os aspectos fisiográficos. No terceiro capítulo veremos quais os principais fatores socioeconômicos que contribuíram para a construção deste espaço, por fim, no quarto capítulo estaremos demonstrando quais os fatos e acontecimentos históricos que ao longo dos anos imprimiram rugas e foram modificando o espaço urbano em questão.

Esperamos que este trabalho contribua para a conscientização de todos sobre a importância que deve ser atribuída ao processo de construção da nossa cidade, pois, assim, conseguiremos entender melhor nossa própria história.

2 UMA REFLEXÃO SOBRE O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

Ao analisar o processo de urbanização, em nível nacional, podemos dizer que no Brasil alguns acontecimentos históricos foram muito importantes para a sua consolidação: A fundação do Rio de Janeiro, em 1567, e a de Filipéia de Nossa Senhora das Neves, em 1585; os anos de dominação espanhola, em especial entre 1610 e 1620, onde se deu a fundação de uma vila e três cidades; também entre 1630 e 1640, com a fundação de nove vilas, onde existia uma urbanização sistemática na costa norte, em direção a Amazônia; o período entre 1650 e 1720, onde foram fundadas trinta e cinco vilas, dentre as quais, duas atingiram o posto de cidade: Olinda e São Paulo (SANTOS, 2008).

De forma geral, somente a partir do século XVIII é que a urbanização se desenvolve no nordeste brasileiro, pois nessa época a casa da cidade torna-se a residência mais importante do fazendeiro ou do senhor de engenho, o que significava uma grande mudança cultural e no espaço urbano, já que, a partir desse momento o Sr. de engenho passa a frequentar sua propriedade rural apenas no momento do corte e da moenda da cana.

No período mais recente, o processo de urbanização mostra uma associação crescente com o da pobreza, cujo *locus* passa a ser cada vez mais a cidade, principalmente as grandes cidades. Isso ocorre porque o campo brasileiro moderno repele os pobres e os trabalhadores da agricultura capitalizada fazendo com que eles vivam cada vez mais nos espaços urbanos, onde a indústria cresce criando poucos empregos e o setor terciário associa formas antigas às modernas que remuneram mal e não garantem a ocupação (SANTOS, 2008).

O processo de Urbanização da cidade de Alagoa Grande/PB teve início em 26 de Julho de 1865, quando conseguiu sua emancipação política do município de Areia. Suas primeiras habitações situaram-se em torno de uma grande lagoa que, na época, chegava a atingir cerca de três quilômetros de extensão nos anos de inverno mais rigoroso, motivo este pelo qual passaria a ser conhecida pelo nome atual (FREIRE, 1998).

Nos anos seguintes a constituição desta cidade, o seu espaço urbano teve uma evolução contínua, influenciada por alguns acontecimentos no setor econômico da época, dentre os quais observamos a instalação de engenhos e posteriormente de usinas, além do cultivo da cana-de-açúcar, do algodão e do sisal (agave) e, até mesmo a existência da linha férrea, que atraía moradores para esse espaço urbano em construção proporcionando o crescimento da área urbana deste município (FREIRE, 1996).

Em tempos mais recentes os fatores que mais têm influência nas grandes transformações sofridas na urbanização do município, são justamente o declínio dos engenhos canavieiros e da usina Tanques, além da grande migração dos pequenos agricultores para a cidade, em decorrência da desvalorização de seus produtos e da dificuldade para conseguir sobreviver.

Por outro lado o processo de urbanização ou a construção do espaço urbano de uma localidade é um tema que tem sido bastante discutido por diversos autores, sendo de grande importância buscar uma melhor compreensão do mesmo, pois, através do conhecimento adquirido, a partir desse estudo, poderemos entender melhor como ocorre esse processo, neste caso, enfatizando a construção do espaço urbano de Alagoa Grande/PB.

Na visão de Corrêa (2005), o espaço urbano, enquanto objetivação geográfica do estudo da cidade apresenta, ao mesmo tempo, várias características interessantes para o geógrafo, podendo esse espaço ser fragmentado e articulado, reflexo e condição social, e campo simbólico de lutas.

Corrêa afirma ainda que o espaço urbano, enquanto espaço fragmentado caracteriza-se pela justa posição de diferentes paisagens e formas de uso da terra, porém, esse espaço é também, simultaneamente articulado, com cada parte da cidade mantendo relações com as demais, ainda que sejam de natureza e intensidade variáveis; como reflexo e condição social, percebe-se que o espaço urbano capitalista é profundamente desigual, onde o acesso aos recursos básicos da vida ocorre de forma diferente, de acordo com a classe social.

Isto causa uma mutação no espaço urbano, justamente pelo dinamismo da sociedade; esse espaço pode ainda, tornar-se um campo simbólico, que possui dimensões e significados variáveis, de acordo com a etnia, grupo e classe social, etc.; podemos ter também o espaço urbano como cenário de lutas entre pessoas que detêm ideologias, crenças, partidos políticos e várias opiniões diferentes, surgindo assim, muitos conflitos sociais.

Segundo Carlos (2007), a paisagem urbana surge como um “instantâneo” registro de um momento determinado, datado no calendário. Enquanto manifestação formal tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial: aquela visível, do imediatamente perceptível, representação, dimensão do real que cabe intuir. Essa autora enfatiza:

(...) essas construções não são iguais do ponto de vista arquitetônico, datam de tempos diferentes. Há bairros mais novos e mais velhos. Há prédios de pastilhas, outros envidraçados. A dimensão de vários tempos está impregnada na paisagem da cidade. É o ritmo da vida. O modo de expressão da vida na cidade (CARLOS, 2007, p. 35).

Para Corrêa (2005), entendida como uma forma de organização do espaço pelo homem, a cidade pode ser considerada, como a expressão real de processos sociais na forma de um ambiente físico que foi construído sobre o espaço geográfico. Por isso, em virtude de ser a expressão de processos sociais, a cidade reflete justamente as características da sociedade que proporcionou a sua origem.

Tais processos sociais produzem forma, movimento e conteúdo sobre o espaço urbano, originando a organização espacial da metrópole. Esta organização caracteriza-se por usos da terra extremamente diferenciados tais como o da área central, áreas industriais e áreas residenciais diversas e pelas interações como fluxo de capital, migrações diárias entre local de residência e local de trabalho, e deslocamento de consumidores, que permitem integrar essas diferentes partes (CORRÊA, 2005, p. 121 e 122).

Já no que se refere aos novos padrões de distribuição da população e das atividades produtivas, estes criam a hipótese geral, que o urbano tende a ultrapassar os limites das aglomerações físicas (cidade). O urbano deve alcançar uma abrangência territorial com a aglomeração disposta em vários núcleos dispersos com uma grande diversidade. Com o modo de vida urbano ultrapassando os limites físicos da aglomeração, a urbanização conquista um “novo” significado em relação a seu papel na estruturação do território (SANTOS, et al, 2007).

O forte movimento de urbanização que se observa a partir do fim da Segunda Guerra Mundial é contemporâneo de um forte crescimento demográfico, resultado de uma taxa de natalidade elevada e da diminuição da mortalidade, onde as causas essenciais são os progressos sanitários, a melhoria relativa nos padrões de vida e a própria urbanização.

Para Carlos (2007), refletir hoje sobre a cidade no Brasil significa pensá-la enquanto materialização do processo de “urbanização dependente”, onde as contradições aparecem de modo mais gritante, e a acumulação da riqueza caminha *paripassus* com a miséria, levando a um tipo de reivindicação diferenciada, quando comparada àquelas emergentes nos países tidos como desenvolvidos.

Santos (2008) entende que a complexa organização territorial e urbana do Brasil guarda profundas diferenças entre suas regiões. Na década de 1980, a região Sudeste apresentava-se como a mais urbanizada do Brasil, com um índice de 82,79%. A menos urbanizada é a Região Nordeste, com 50,44% de urbanos, quando a taxa de urbanização do Brasil era de 65,57%.

Considerando a realidade do Nordeste, onde há uma estrutura fundiária hostil desde cedo à maior distribuição de renda, ao maior consumo, a terceirização, ajuda a manter na pobreza milhões de pessoas e impede uma urbanização mais expressiva. Por isso, a introdução de inovações materiais e sociais encontraria grande resistência de um passado cristalizado na sociedade e no espaço, retardando o processo de desenvolvimento. Um povoamento antigo, assentado sobre estruturas sociais arcaicas, atua como freio às mudanças sociais e econômicas, acarreta retardo da evolução técnica e material e desacelera o processo de urbanização. Esta é recentemente menos dinâmica no Nordeste, se comparada a outras áreas do país (SANTOS 2008).

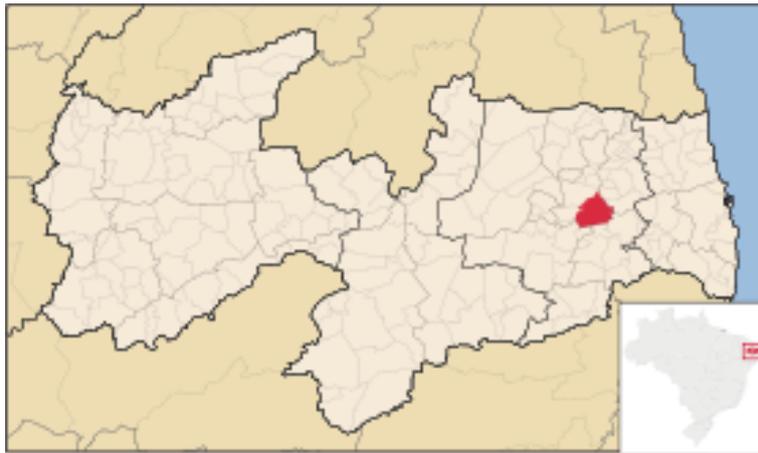
Segundo Freire (1996), o espaço urbano que hoje recebe o nome de Alagoa Grande/PB, no passado, já foi conhecido como Lagoa do Paó e Lagoa Grande. Para ele, esse espaço já sofreu incontáveis mudanças ao longo de sua história, sendo que, em sua concepção, entre os acontecimentos históricos que mais influenciaram nessas mudanças, merecem destaque: o declínio do comércio do algodão e do agave; a extinção da linha férrea; a falência da Usina Tanques; e também o declínio dos engenhos açucareiros.

Na sua segunda obra Freire (1998), enfatiza ainda que, esses acontecimentos tiveram influência direta, principalmente nas transformações econômicas observadas na cidade de Alagoa Grande/PB. Foi a partir desses acontecimentos que o espaço urbano dessa localidade foi sendo modificado, através da grande migração que começou a ocorrer da área rural para a área urbana, em virtude da necessidade de conseguir trabalho na cidade sofrida por alguns pequenos produtores e trabalhadores rurais, que dependiam para sua sobrevivência, principalmente das atividades da Usina e dos Engenhos.

Com esse êxodo rural em larga escala o espaço urbano foi ganhando novas formas, não só no seu aspecto físico, mas, no lado cultural, social, e religioso. Pois, apesar de ocorrer à migração campo/cidade, os moradores que vieram da zona rural costumavam conservar os seus costumes. Com isso observamos durante este capítulo que os processos de urbanização

ocorrem de forma e velocidade diferentes de acordo com o local e o tempo em que se desenvolvem.

3 ALAGOA GRANDE: CARACTERÍSTICAS DO MUNICÍPIO



Mapa 01: Localização geográfica de Alagoa Grande-PB
Fonte: Acervo pessoal, Novembro de 2011.

Alagoa Grande é um município de pequeno porte que hoje apresenta uma economia bastante diversificada. Já passou por muitas mudanças políticas e econômicas e isto refletiu e reflete na dinâmica espacial e sócio-cultural da cidade. O texto a seguir faz um mapeamento dos aspectos naturais, populacionais e geoeconômicos do município.

3.1 A localização e o meio fisiográfico

O município de Alagoa Grande possui uma área de 337,7 km² e localiza-se na mesorregião fisiográfica do Agreste Paraibano, na microrregião do Brejo, distando 111 km da capital João Pessoa, 60 km de Campina Grande e 29 km de Guarabira (FREIRE, 1996).

Limita-se ao Norte com os municípios de Areia e Alagoinha; ao Sul, com Serra Redonda; a Leste, com Gurinhém e Mulungu; a Oeste, com os municípios de Alagoa Nova e Matinhas; a Sudeste, com Juarez Távora e a Sudoeste, com Massaranduba. O município é servido pelas rodovias pavimentadas PB-079 e PB-075, além da PB-067 (em terra). Possui latitude de -07°

09' 30'' e longitude 35° 37' 48'', e sua altitude média é de 143 m. (ver imagem parcial do município – foto 01).



Foto 01 – Imagem parcial da área central do município de Alagoa Grande
Fonte: Acervo pessoal, Novembro de 2011.

O município possui dois Distritos: Zumbi e Canafístula. Podemos também destacar algumas comunidades rurais dentre as que encontramos, sendo: Caiana dos Crioulos, Caiana do Agreste, Mares, Espalhada, Usina Tanques, Gavião, Quitéria, Rapador e Pedra de Santo Antônio. Ainda podemos destacar a existência de 13 assentamentos rurais no município, sendo todos pertencentes ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), instalados através de processo de desapropriação de terras.

No que se refere ao meio físico, no centro e sul do município registram-se altitudes de cerca de 120 metros, com ondulação modesta, representada por colinas sub-arredondadas, circundadas por córregos. No Oeste, apresentam-se os contrafortes da Serra da Borborema, com relevo muito acidentado. As principais serras são: Paquevira (Barandão e Cruzeiro), Sino, Caiana, Gavião, Balde, Mares e Pitombeira.

Quanto ao clima do município, este é quente e úmido, conforme classificação de Köppen clima As'. A precipitação pluviométrica varia entre 700 mm e 900 mm anuais, sendo os meses mais chuvosos de Junho a Agosto e os mais secos de Novembro a Fevereiro. A melhor época para o estabelecimento de cultura agrícola entre os meses de abril e agosto. Sua temperatura varia entre 24 e 30°, sendo os meses de temperatura mais amena de Julho a Agosto e os mais quentes de Dezembro a Janeiro. E, a umidade relativa do ar varia em torno de 80%.

Quanto às características dos solos desse município, há registros de terra roxa estruturada nas imediações do sítio urbano, do lado da encosta da serra do brejo e de micaxistos e maciços graníticos na parte leste da caatinga. Ocorrem aluviões nas margens do

Mamanguape, além de massapé. Em aspectos gerais, o município possui boa qualidade de solos para o desenvolvimento agrícola.

Os recursos minerais são muito pouco conhecidos. As jazidas existentes em exploração são as de argila, que é utilizada para a produção de artesanatos, tijolos e telhas. Ocorre também no município o metapelito (cerâmica esmaltada). Sabe-se também, da existência de granitos e gnaisses provenientes do substrato rochoso, que poderiam ser matéria prima para pisos, calçamento, brita, decoração, etc., mas é pouco aproveitado economicamente

As poucas matas que conseguiram subsistir a ação do homem representam matas residuais, localizadas em declives e áreas elevadas apresentando o Jatobá (*Hymenaea courbaril*), o Pau d'arco (*Tabebuia serratifolia*), a Aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e a Baraúna (*Schinopsis brasiliensis*) como espécies vegetais remanescentes da vegetação original. Na parte do Brejo, apresenta-se farta vegetação arbustiva e herbácea. Na parte leste do município, o marmeleiro (*Cydonia vulgaris*), a catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*) e a jurema (*Mimosa tenuiflora*) predominam.

A agricultura e a pecuária, todavia, ocupam mais de 70% da área rural do município, fato que comprova o desmatamento de grande parte da cobertura vegetal existente no passado.

Este município está situado na Bacia Hidrográfica do Rio Mamanguape, cujos afluentes principais são os rios Mundaú, Urucu, Gregório (pela margem esquerda) e Zumbi (pela margem direita).

Podemos encontrar a Lagoa do Paó (centro da cidade), que se liga ao Rio Mamanguape pelo canal de extravaso, e ainda as Lagoas da Engenhoca, Avenca, Verde, Comprida e Tapera. Possui, ainda, algumas fontes de água potável na parte da serra: Quitéria, Pitombeira, Grutão, Serra Grande, Quinze, Gregório, Vertente e outras.

3.2 População e aspectos socioeconômicos

Alagoa Grande possui uma população de 28.482 habitantes, sendo composta por 13.862 homens e 14.620 mulheres. A população urbana é de 17.532 pessoas e a rural 10.950, sendo a densidade demográfica de 85,53 hab/km². (IBGE, primeiros resultados do censo 2010).

Com a morte do senhor Aginaldo Velloso Borges em 24 de Abril de 1990, a Usina Tanques começou a enfrentar fortes crises, vindo a fechar as portas sete anos depois, em 1997. Após o fechamento da Usina e de alguns engenhos, houve uma diversificação muito acentuada do comércio (formal e informal), bem como certo crescimento do setor, uma vez que, parte das pessoas que participavam da produção canavieira buscou alternativas econômicas, visando alcançar uma forma de sobrevivência familiar.

A Prefeitura Municipal é uma das bases que sustenta o comércio da cidade possuindo cerca de 752 funcionários efetivos, 166 comissionados, 139 contratados e 26 inativos ou pensionistas, totalizando 1092 servidores (SAGRES.PB). Existe também no município uma grande quantidade de funcionários estaduais que aqui residem, bem como alguns funcionários federais que também contribuem para a sustentação do setor comercial da cidade.

No setor industrial, podemos dizer que as atividades existentes no município não são suficientes para beneficiar toda a matéria-prima disponível na região. Em termos de indústrias de transformação, a atividade agro-industrial do município restringe-se aos engenhos de rapadura e de aguardente, as olarias manuais e mecânicas, casas de farinha, esquadrias de madeira e uma pequena manufaturadora de polpa de frutas.

Com relação à prática de esportes na cidade, apesar de possuir 04 campos de futebol, sendo que o principal é o Estádio Municipal Genival Sales de Amorim, o mesmo possui arquibancadas para 3.000 espectadores, vestiário, gramado oficial, alambrado, etc. Além disso, existem 04 quadras poliesportivas descobertas e o Ginásio Bodão que é coberto, e alguns times de futebol conhecidos por todo o brejo paraibano, como o Tabajara e o A B C Futebol Clube. Porém, apesar de tudo isso, atualmente, não existe na cidade nenhum campeonato, seja de futebol de campo ou de futsal, provavelmente a maior causa disso é a falta de incentivo do poder público.

Na área cultural e turística o município apresenta várias opções, dentre as quais podemos citar: O Teatro Municipal, grupos folclóricos, grupos de teatro e dança, oficina de artesanato, museu Jackson do Pandeiro, a casa Margarida Maria Alves (construída em homenagem a líder sindical morta por lutar pelos direitos dos trabalhadores rurais), o sítio Caiana dos Crioulos (quilombola formado por descendentes de escravos), casarões históricos no centro da cidade, trilhas do Engenho Verde (fabricante da cachaça volúpia) e ainda a tradicional festa da padroeira da cidade que acontece no final do mês de Janeiro.

Então, procuramos demonstrar durante este capítulo as principais características deste município, aspectos fisiográficos, localização, além dos aspectos socioeconômicos e sua

população. Veremos adiante os principais fatores socioeconômicos que se destacaram na construção do espaço urbano em questão.

4 OS FATORES SOCIOECONÔMICOS QUE CONTRIBUÍRAM COM A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE ALAGOA GRANDE

Os primeiros habitantes da cidade de Alagoa Grande foram os índios Bultrins, da nação Cariri. Eles habitavam ao redor da lagoa que posteriormente seria inspiração para o nome atual da cidade. Sua colonização aconteceu por volta de 1700, com os colonizadores luso-brasileiros.

O ano de 1864 é considerado como sendo o ano de sua fundação, mas, em 1847 já havia passado de povoado a distrito. Obteve sua emancipação política em 21 de Outubro de 1864, sendo instalada como vila em 26 de Julho de 1865. No dia 27 de Março de 1908, Alagoa Grande alcançava a categoria de cidade e esta data seria comemorada até o ano de 2010, pois segundo o historiador José Avelar Freire, esta data estaria incorreta, sendo o dia 26 de Julho de 1908 o verdadeiro dia do fato, por isto, no ano de 2011 o aniversário da cidade já foi comemorado nesta nova data. A foto 02 a seguir mostra uma cidade pequena, com casarios coloniais.



Foto 02 – Imagem parcial da área central do município de Alagoa Grande, no ano de 1942.
Fonte: FREIRE, 1998.

Segundo Avelar (2002, p.195) no dia 15 de Dezembro de 1871, a Princesa Isabel, então regente imperial, assinou o decreto de número 4.838, que concedia o privilégio ao

Conselheiro Diogo Velho Cavalcante de Albuquerque, Deputado Geral Anísio Salatiel Carneiro da Cunha e André Rebouças de organizarem uma incorporação para construir e explorar a Estrada de Ferro Conde d’Eu, ligando a sede desta Província a quem na época era conhecida ainda como vila de Alagoa Grande, possuindo ramais para as vilas de Ingá e de Independência. Este documento constituía o primeiro passo para que a Paraíba viesse a possuir estradas de ferro (FREIRE, 1996).

Essa medida administrativa foi motivo de muita alegria, para a população que, esperava com o caminho de ferro, melhorar o comércio local e fazer com que o mesmo escapasse da situação degradante que se encontrava, pois este comércio apresentava-se isolado, abatido e enfraquecido, em virtude de circularem por outras áreas os produtos e serviços que na realidade deveriam convergir para a vila local, concorrendo assim para o seu melhoramento e prosperidade.

A expansão, queda e tentativas de recuperação da Extensão da Linha Férrea, do então povoado pertencente à Guarabira, Camarazal (emancipado a 29/04/1959) hoje cidade de Mulungu, da Inglesa “Great Western Railway” (Estrada de Ferro Grande Oeste), inaugurada em 1º de Julho de 1901, foi o fator determinante de um novo tempo para a economia alagoagrandense, o mesmo, ocorrendo com outros municípios que também foram alcançados pela estrada de ferro (FREIRE, 1998).

Nessa época o setor econômico que tinha o algodão como principal esteio experimentou ainda na primeira metade do primeiro decênio do século XX um rápido crescimento. A produção de algodão deu um grande salto graças ao novo e potente meio de escoamento a sua disposição, o trem.

O segundo ciclo econômico que reforçou o potencial do “ouro branco” pode ser representado por 26 engenhos fabricando rapadura, aguardente e açúcar, tendo o primeiro e terceiro produto também sido alcançados pelos benefícios do transporte de ferro, até a Capital do Estado.

O trem que ficou conhecido como “Maria Fumaça” passou ainda a conduzir o algodão que era produzido por outras partes da Região do Brejo (já havia estação de trem em Guarabira: no povoado de Camarazal em 1883, e na sede em 1884), das regiões do Cariri e do Sertão e de vários municípios do Rio Grande do Norte, passando então, a não ser só o fator importantíssimo para o aumento do progresso geral de Alagoa Grande (era o veículo de escoamento do algodão e da rapadura, além de meio de transporte de outras mercadorias e de passageiros trazia novas riquezas econômicas e sócio-culturais), mas, simultaneamente da atividade algodoeira de muitos municípios que passaram a ter a partir de Alagoa Grande, um

meio de transporte bem mais eficiente em capacidade de volume e rapidez, para levar esse produto até a capital paraibana, denominada nesta época de Parahyba.

Antes da chegada do transporte ferroviário à Alagoa Grande, o algodão era levado para a Capital do nosso Estado para ser vendido a firmas exportadoras. Através de tropas de burros, habilmente comandadas sob o estalo do chicote, pelos famosos “tropeiros”, considerados verdadeiros heróis anônimos do progresso do Nordeste brasileiro em certo período da sua história.

A desativação do transporte ferroviário que atingiu municípios em todo território brasileiro, obedeceu a um plano do Governo do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, cearense, que findou em 15 de Março de 1967, elaborado pelo Ministério da Viação e Obras Públicas, comandado pelo General Juarez Távora, que defendia radicalmente que a solução para o progresso econômico do Brasil estaria basicamente no transporte rodoviário, que é de inegável importância, principalmente onde não podem trafegar o ferroviário e o hidroviário (FREIRE,1998).

Fazendo referência ao caso de Alagoa Grande, se os volumes de algodão e de agave, já não conseguiam compensar os gastos, a maior parte da quantidade do açúcar produzido pela Usina Tanques e a Usina Santa Maria, localizada no município de Areia-PB, estava em crescimento de produção e até o final dos anos oitenta do século passado, mantiveram-se em ritmo acelerado, podendo assim, por alguns anos, dividir os espaços nos vagões do trem, e por vários anos após a queda do algodão e do agave, seria motivo para a utilização da linha férrea.

A inesperada paralisação do trem deixou os proprietários da CONDE (este é um nome fantasia do qual não se tem registro do motivo, uma vez que, o verdadeiro nome da indústria era NASCIMENTO & COMPANHIA) preocupados, pois ainda era de bom tamanho o movimento com o algodão e o agave juntos, levando-se em consideração, na época, a entrada dessas fibras naturais de outros municípios. A decisão de acabar com a ferrovia de Alagoa Grande, foi sem planejamento e num breve espaço de tempo recolheram a “Maria Fumaça” (Ver foto 03) e arrancaram todos os trilhos e acessórios da estrada de ferro, assim como as peças do girador (conhecido popularmente por virador, por ser o local onde a máquina do trem virava ou mudava de direção para tomar destino a João Pessoa, era onde havia o cruzamento das linhas, onde a máquina fazia a volta).

A paralisação da linha férrea no final de 1966 foi uma decisão que pegou de surpresa até mesmo o próprio chefe da estação, Antônio Gomes da Silva, natural de Cabedelo/PB, que só foi comunicado do fato poucos dias antes da suspensão das viagens do trem. Segundo ele não foi dito ao mesmo o que motivara o fim de um meio de transporte que já durava 65 anos e

que muitos esforços e gastos foram realizados para implantá-lo, do final do século XIX para o início do século XX (FREIRE, 1998).



Foto 03 – Última viagem do trem “Maria Fumaça”, em Alagoa Grande - novembro de 1966.
Fonte: FREIRE, 1998.



Foto 04 – Galpão da antiga CONDE, em primeiro plano, em 2008
Fonte: Acervo pessoal, Novembro de 2011.

A fotografia 03 demonstra a estação ferroviária e um vagão do trem na cidade de Alagoa Grande e mostra porque chamavam o trem de “Maria Fumaça”, pois como vemos, ele liberava muita fumaça. Já a foto 04 mostra à antiga CONDE na parte superior, sendo vários galpões de cor branca.

A chegada das fibras sintéticas enfraqueceu cada vez mais o algodão e o agave, já os canaviais cresciam no município de Alagoa Grande. A Usina Tanques, modernizada, conseguia conquistar novos mercados para seu açúcar de boa qualidade e precisava cada vez mais de matéria-prima, tendo para isso que adquirir novas terras para novos plantios, já que os

seus e os de terceiros, estavam facilmente sendo absorvidos pelas novas máquinas, principalmente a partir de 1966, com a aquisição da moenda de fabricação francesa adquirida pelo novo proprietário, o agrônomo Aguinaldo Velloso Borges, que comprou a indústria em 1950 (FREIRE, 1998).

Em 1966, a cana-de-açúcar torna-se o principal produto do município, e a Usina Tanques reforçada economicamente pelas grandes vendas de açúcar para o Estado da Paraíba e outros da Federação, passou a investir na compra de terras na região canavieira. Com isso, foram vários engenhos desativados, dezenas de médios e pequenos sítios e até grandes propriedades que eram adquiridos pela Usina. A qual estava em crescente expansão, principalmente até 1975, provocando nova onda de êxodo rural e de derrubada de milhares de fruteiras, como também o desmatamento acentuado para a plantação da cana-de-açúcar. Além disso, incentivados pela direção da usina, vários donos de sítios, na busca de lucros mais rápidos e melhores, substituíram em suas terras, alguns até em sua totalidade, a plantação de roçados e fruteiras, pelo cultivo da cana-de-açúcar (FREIRE, 1998).

Depois de passar alguns anos em pleno funcionamento e alavancando o setor econômico da cidade, com a morte do senhor Aguinaldo Velloso Borges (em 24/04/1990), após suportar sete anos de fortes turbulências, em 1997 a usina entrou em declínio e cessou suas atividades, o que afetou muito o comércio da cidade causando muito desemprego e acentuando ainda mais o êxodo rural, trazendo com isso conseqüentemente a pobreza urbana que atinge hoje índices significativos, agravados ainda mais pela ausência de oportunidades de emprego, uma vez que, a cidade não possui indústrias nem outras empresas que comportem a demanda existente.

Tratando especificamente do algodão, enquanto durou sua produção trouxe vantagens para a economia local e poucas desvantagens para a população rural. Essa cultura atingiu toda a área da caatinga, que era própria para seu cultivo por seu solo e temperatura mais quente, atingiu pouco a parte frutífera e permitia os plantios consorciados de milho, feijão e fava, por isso, concorreu pouco para a saída do homem do campo. Isso só aconteceu quando houve algumas compras de terras por grandes produtores que, para expandirem seus algodoads, forçavam a saída de algumas famílias, mas, não chegou a existir saída em massa.

Podemos afirmar que o “ouro branco”, como ficou conhecido o algodão, foi sem dúvida o maior responsável pelo progresso econômico do município, especialmente da segunda metade dos anos de 1910, até a primeira metade dos anos de 1940, período de sua maior produção, época que teve os engenhos, no auge, como forte coadjuvante da economia alagoagrandense (FREIRE, 1998).

A partir desses acontecimentos, o município então, busca outras alternativas, sendo a agricultura de subsistência e a pecuária as suas principais atividades, bem como o comércio urbano, que atualmente tem apresentado um pequeno crescimento, após recuperar-se dos transtornos sofridos em 2004 pelo rompimento da barragem de Camará que afetou de maneira acentuada o comércio da cidade deixando na época alguns comerciantes praticamente falidos.

Portanto, diante do exposto, podemos afirmar de forma resumida que os fatores socioeconômicos que contribuíram com a construção do espaço urbano de Alagoa Grande foram principalmente o fechamento da Linha Férrea, a falência da empresa NASCIMENTO & COMPANHIA, conhecida também por CONDE, à decadência da Usina Tanques S/A, que causou um grande êxodo rural e recentemente podemos ressaltar o rompimento da Barragem de Camará, que certamente causou mudanças e perdas irreparáveis a esta cidade.

Depois de haver relatado neste capítulo quais os principais fatores socioeconômicos que se destacaram na construção deste espaço urbano e nas suas transformações durante sua existência, no último capítulo, ressaltaremos a importância de alguns fatos e acontecimentos históricos que contribuíram para as rugosidades apresentadas nessa localidade.

5 FORMANDO E TRANSFORMANDO: OS FATOS HISTÓRICOS QUE IMPRIMIRAM RUGOSIDADES NO ESPAÇO URBANO DE ALAGOA GRANDE-PB.

A expressão “rugosidades espaciais” foi tratada de diversas formas por autores como: Marx, Engels, Hegel, Bachelard entre outros e, revisada por Milton Santos aqui no Brasil. De forma resumida refere-se a construção de um espaço novo a partir de um preexistente. Complementa a concepção de que a produção do espaço é, ao mesmo tempo, construção e destruição de formas e funções sociais dos lugares. Portanto, a (des) construção do espaço não refere-se apenas à destruição e à construção de objetos fixos, mas também às relações que os unem em combinações distintas ao longo do tempo. Para Santos (1986), o espaço

[...] é um testemunho; ele testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas. (SANTOS, 1986, p. 138)

Nesse sentido, as rugosidades são formas espaciais do passado, produzidas em momentos distintos. Assim, toda cidade passa por várias transformações durante a sua existência. Essas mudanças acontecem em vários segmentos, seja na parte social, cultural, econômica, como também no aspecto fisiográfico, dentre outros, sendo que, existem alguns fatos e acontecimentos históricos que são diretamente responsáveis por imprimir esta rugosidade em um determinado espaço.

Com o espaço urbano de Alagoa Grande não foi diferente, pois o mesmo passou por várias mudanças desde o seu início até os dias atuais. E, muitas das rugosidades de um tempo pretérito são facilmente percebidas, principalmente no aspecto da paisagem técnica, criada e transformada ao longo do tempo histórico. Como podemos observar nas fotos 05 e 06, as mudanças que ocorreram no espaço urbano desse município.



Foto 05 – Praça do coreto, em Alagoa Grande, em 1946.

Fonte: www.mundi.com.br



Foto 06 – Praça do coreto atualmente.
Fonte: Acervo pessoal, Novembro de 2011.

Nos dias atuais ainda existem vários casarões antigos no centro da cidade que foram tombados pelo patrimônio histórico, e que demonstram como era sua antiga arquitetura, podendo assim nos proporcionar uma viagem ao passado, além de nos demonstrar a diferença entre o novo e o velho, entre o passado e o presente, mostrando que, apesar das mudanças e transformações sofridas, o passado sempre estará contido no presente.

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho (fotos 07 e 08). A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. Tanto o novo quanto o velho são dados permanentes da história; acotovelam-se em todas as situações (SANTOS, 2008).



Foto 07 - Centro de Alagoa Grande, 1945.
Fonte: www.mundi.com.br



Foto 08 – Centro de Alagoa Grande, 2011.
Fonte: Acervo pessoal, Novembro de 2011.

Atualmente esta cidade apresenta uma arquitetura mais diversificada, que mescla desde os antigos casarões até pequenos prédios que estão aos poucos surgindo na paisagem urbana, causando uma constante metamorfose no espaço.

Para que pudéssemos construir da melhor forma possível neste capítulo foram realizadas entrevistas com três moradores antigos da cidade de Alagoa Grande, a saber: o senhor Severino Antônio da Silva, atual gestor da cultura e do turismo local, conhecido também por Bibiu do Jatobá; senhor José Guedes Guimarães, poeta, escritor e oficial de justiça desta cidade; senhor José Avelar Freire, professor da escola normal, escritor, atual secretário de infraestrutura, historiador e também responsável pela fiscalização do patrimônio histórico da cidade.

Segundo o entrevistado José Guedes Guimarães, no início da urbanização de Alagoa Grande, isso por volta do século XIX, às atividades econômicas apresentava-se de forma muito modesta, numa zona urbana pouco habitada e ainda muito pobre, a grande maioria de sua população. Havia um comércio incipiente, com algumas casas comerciais pequenas, dentre elas as famosas “bodegas”, e alguns armazéns de estivas, isso porque a imensa maioria da população concentrava-se na zona rural, inclusive os mais abastados.

Os primeiros habitantes dos casarões de Alagoa Grande no início de sua urbanização foram os senhores de engenhos e os grandes agropecuaristas, atualmente eles (ver fotos 09 e 10) são ocupados por tipos de famílias bem diferentes, sendo alguns donos de engenhos, fazendeiros, advogados e alguns funcionários públicos e comerciantes, apresentando hoje pinturas bem mais modernas, apesar de não existir a permissão para modificação da estrutura, tendo em vista o fato de serem tombados pelo patrimônio histórico.



Foto 09: Casarões antigos de A. Grande.
Fonte: Acervo pessoal, Novembro de 2011.

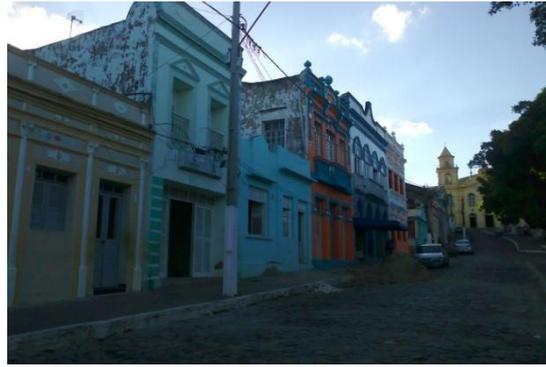


Foto 10: Casarões do centro da cidade, 2011.
Fonte: Acervo pessoal, Novembro de 2011.

O entrevistado José Avelar Freire, narrou que o centro urbano da cidade, até o final dos anos 1960, era ocupado, com duas ou três exceções, por funcionários públicos estaduais e federais, por senhores de engenhos e fazendeiros, além de alguns comerciantes. Hoje há remanescentes desses antigos moradores, sendo inclusive ele mesmo, hoje com a idade de 60 anos um deles, pois o seu avô paterno era fazendeiro e comerciante, sendo atualmente ele e sua esposa, funcionários estaduais e municipais. Mas podemos encontrar também, ocupando o centro urbano, pequenos, médios e grandes comerciantes, além de uns poucos funcionários de empresas privadas e funcionários das esferas federal e estadual.

O senhor José Avelar Freire afirmou ainda que as primeiras ruas a serem pavimentadas em Alagoa Grande foram às atuais Getúlio Vargas e Francisco Lino Cavalcanti de Miranda, sendo esta última no espaço defronte a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem, no ano de 1937, estando esse fato também relatado em suas obras de 1966 e 1988.

Para o nosso entrevistado e poeta José Guedes, a diversificação de nível social e financeiro é muito importante para uma mais positiva relação humana da sociedade alagoagrandense, pois concorre para uma maior aproximação das pessoas que residem nesse espaço, já que o nivelamento, ou em certos casos a aproximação econômica da maioria desses moradores (com a tradicional elite abastada, financeiramente) concorre para ir quebrando preconceitos, seja de ordem social, cultural, étnica, dentre outros, o que contribui para uma melhora do ser humano.

E a presença dos pobres aumenta e enriquece a diversidade socioespacial, que tanto se manifesta pela produção da materialidade em bairros e sítios tão contrastantes, quanto pelas formas de trabalho e de vida (SANTOS, 2008).

Podemos então dizer que ao longo desse processo, e principalmente depois dele, muitas famílias que antes eram ofuscadas e ignoradas no meio social em maior ascensão

econômica e cultural subiram degraus na sociedade alagoagrândense, ocupando hoje várias atividades e espaços deixados pela elite.

Segundo o entrevistado Severino Antônio, a partir do primeiro decênio do século XX, isto com o advento da ferrovia (01/07/1901) as atividades urbanas, econômicas, foram superiores as de hoje, isso de forma geral e até a década de 1960, pois, além de um forte comércio varejista, havia a industrialização com o funcionamento de cinco indústrias, sendo a primeira instalada em 1918, tendo por nome WANTHON PEDROZA, vinda de Natal; a segunda em 1928, ANDERSON CLAYTON COMPANY, da Inglaterra; a terceira em 1934, SOECIA (Sociedade Anônima de Expansão Comercial e Industrial) de João Pessoa, pertencente a João Marques de Almeida; a quarta em 1936, SANDRA (sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro); e a quinta era a CONDE (Nascimento e CIA) de Campina Grande (quatro de fora) beneficiando algodão e agave (sisal). Havia ainda dois curtumes, duas torrefações de café; uma fábrica de rede; uma de corda e outra de tinta.

Relatou também o senhor José Avelar que na CONDE era realizado o desfibramento (separação do capulho do caroço do algodão e enfardamento da fibra, 200 kg por fardo). Isto era feito com uso de mão de obra e de maquinário (prensas), também era feito o beneficiamento e enfardamento do agave (sisal) por máquinas (duas prensas), isso também com fardos de 200kg. Essa firma gerava até 600 empregos diretos nos piques anuais das produções algodoeira e agavieira para operários, além dos empregos gerados em seu escritório que possuía vigias, motoristas, eletricitas, encanadores e o pessoal das máquinas.

O fechamento dessa empresa na década de 1960 causou um grande impacto na economia e no comércio de Alagoa Grande, afinal, além dos impostos pagos ao município e ao Estado, gerava um significativo número de empregos diretos e indiretos, estes, na cidade, mas principalmente no campo.

Com as crises do sisal e do algodão, que perderam a concorrência para a fibra sintética, esse auge econômico sofreu fortíssimo abalo, derrubando assim indústrias e quase exterminando o comércio varejista. Quanto ao comércio grossista, desde o início da década de 1910 perdera sua força de forma violenta por conta da avassaladora concorrência da cidade de Campina Grande, com ferrovia a partir do final de outubro de 1907 partindo de Itabaiana (FREIRE, 1998).

Podemos dizer que a memória olha para o passado. A nova consciência olha pra o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa nova ação por

ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo renovado (SANTOS, 2008).

Para todos os entrevistados, nos dias atuais o comércio de Alagoa Grande é bastante sortido, apresentando desde gêneros alimentícios a eletrodomésticos, passando por confecções, calçados, perfumarias, produtos para presentes, medicamentos, material de construção; com isso, apresentando-se entre os melhores do interior da Paraíba.

Com relação à existência de uma estratificação socioeconômica e espacial dos bairros, conforme os entrevistados, ela existe sim. Como em toda zona urbana, principalmente dos países com grandes desigualdades sociais, como é o caso do Brasil. Os bairros onde habitam as chamadas, comumente, classes média e alta, mais centrais, ao longo do tempo, por exigências do tipo de moradores desses bairros, sendo os municípios sempre administrados por políticos oriundos desses contingentes humanos, lhes possibilitaram maior assistência dos poderes públicos, em detrimento (exceções à parte) dos bairros ocupados pela população de baixa renda. Isso ocorreu principalmente até o início dos anos 1960 e ainda alguns anos à frente, período em que os políticos eram todos oriundos da elite e os recursos financeiros da prefeitura eram menores, por não existir ainda o Fundo de Participação dos Municípios (FPM).

A partir dos anos 1970, com a ascensão política da classe média e o surgimento do FPM, a prefeitura passou há investir um pouco mais na periferia (calçamento, energia elétrica, água encanada, escola e esgotos em algumas ruas), conforme os entrevistados.

Nos anos 1990 e 2000, os investimentos aumentaram e foram surgindo praças e mais escolas, postos médicos e calçamento nos bairros mais pobres. No que se refere aos bairros onde predomina uma população mais abastada, além da maior assistência dos poderes públicos, que sempre lhe foram favoráveis, os próprios moradores contribuíram e contribuem para uma melhor forma de vida, pois por possuírem uma condição financeira favorável podem proporcionar o embelezamento dessas áreas bem arquitetadas por belas construções (fotos 11 e 12) o que dificilmente ocorre nos bairros mais pobres.



Foto 11: Conj. Manoel Raimundo.
Fonte: Acervo pessoal, Novembro de 2011.



Foto 12: Rua João Pessoa, 2011.
Fonte: Acervo pessoal, Novembro de 2011.

Podemos dizer que de acordo com as informações dos três entrevistados, ambos detêm a mesma opinião: afirmam que nos últimos anos a periferia de Alagoa Grande teve, por conta dos poderes públicos e de seus moradores, em vários locais, uma melhora significativa no seu padrão de vida. Parte disso deve-se aos avanços sociais ocorridos no país nos últimos 20 anos, com a existência de alguns projetos sociais (bolsa família, bolsa escola, pão e leite, etc) e obras de saneamento básico, rede de esgotos, que beneficiaram essas pessoas.

Então, como podemos perceber, o espaço urbano do município de Alagoa Grande comporta o passado e o presente, o ontem e o hoje. Cada registro de uma herança espacial também é um registro de um momento histórico com características sócio-culturais diferentes. E, isto pode ser observado nos registros fotográficos aqui utilizados ou através de uma caminhada pela cidade. Vale destacar que as rugosidades presentes no espaço urbano de Alagoa Grande, predominam essencialmente, na região mais central da cidade, pois as novas formas espaciais que são produzidas reproduzem o momento histórico cultural atual.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando o processo realizado para a construção deste trabalho, podemos dizer que conseguimos concluí-lo de forma satisfatória, pois, após a realização das pesquisas e entrevistas conseguimos alcançar os nossos objetivos, dentre os quais podemos destacar o de compreender melhor como se deu o processo de urbanização do município de Alagoa Grande-PB.

Além disso, conseguimos também mostrar como se encontrava no início de sua existência esse espaço urbano e como ele foi sendo modificado com o passar dos anos, buscando demonstrar quais foram os principais acontecimentos históricos, seja de ordem econômica, política, cultural, social, dentre outros, que impulsionaram essas mudanças até os dias atuais.

Mostramos também como se encontra atualmente este espaço urbano, apresentando um comércio bastante diversificado em uma fase bastante favorável, já que, podemos enfatizar a vinda de empresas como o Armazém Paraíba para esta cidade, além do interesse da Insinuante em colocar instalações comerciais por aqui. Podemos destacar também a existência de várias atrações turísticas que contribuem para a melhora da renda de muitos comerciantes na cidade, tudo isto, demonstra a dinâmica constante deste espaço urbano.

Tudo isso, certamente contribuiu para que aumentasse o nosso conhecimento sobre esta cidade. Portanto, esperamos que todos os leitores desse trabalho possam adquirir novos conhecimentos com relação a dinâmica do espaço urbano da cidade de Alagoa Grande.

7 REFERÊNCIAS

- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. 1a reimpressão. São Paulo: Contexto 2007. (repensando a geografia). 98 p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 304 p.
- FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: aspectos econômicos e fatos outros da sua história**. João Pessoa: Idéia, 1996. 178 p.
- FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: sua história**. João Pessoa: Idéia, 1998. 332 p.
- GEORGE, Pierre –**Geografia urbana**. São Paulo: Difel, 1983.
- LINS, Cleones Lúcio Ferreira Morais. **Potencialidades turísticas para o desenvolvimento local da cidade de Alagoa Grande-PB**. 2008. Monografia (trabalho de conclusão de curso) – UEPB, Guarabira, 2008.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Evolução urbana do Brasil**. (1500-1720), São Paulo: Pioneira, 1968.
- SAGRES.tce.pb.gov.br, Pesquisa realizada no site Tribunal de contas da Paraíba, 25 de Novembro de 2011.
- SANTOS, Milton, 1926-2001. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4a. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008. 176 p.
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008.
- SANTOS, Milton... [et. al]. **Territórios, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, 416 p.